

Trabalho e sonhos: desejos e pesadelos de professores e trabalhadores da saúde na era do capitalismo organizacional

Marlon Xavier¹

Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha)

Este artigo é um relato sobre resultados preliminares de uma pesquisa, parte de pesquisa internacional sobre o capitalismo organizacional (KO) como fator de risco psicossocial, que buscou identificar e compreender teoricamente aspectos das mudanças laborais características do KO que aparecem em sonhos e fantasias de trabalhadores (professores universitários, médicos e enfermeiras), e que fatores de impacto psicossocial (em termos de fatores de risco e efeitos colaterais para qualidade de vida e bem-estar) podem ser aí vislumbrados. Os dados foram coletados através de uma pergunta em um questionário e em entrevistas semiestruturadas, respondidas por 301 participantes na Espanha, e analisados através da técnica de análise de conteúdo e de uma adaptação da hermenêutica junguiana. Propomos uma breve discussão do papel do trabalho e do inconsciente no novo capitalismo. Os resultados mostram que os sonhos, como manifestações do inconsciente, trazem de forma clara os riscos, problemas e impactos na subjetivação laboral do KO, aparecendo como antípodas dos desejos laborais conscientes. Concluímos que o inconsciente pode ser considerado um campo de resistência à colonização de mentes e corpos efetuada pelo capital.

Palavras-chave: Psicologia, Trabalho, Capitalismo organizacional, Inconsciente, Sonho.

Work and dreams: desires and nightmares of professors and health workers in the age of organizational capitalism

This paper is a report of the preliminary results of a research, part of an international research on organizational capitalism (KO) as a psychosocial risk factor, which aimed at identifying and understanding theoretically the aspects of work changes related to KO that appear in the workers' (professors, physicians and nurses) dreams and fantasies, and which psychosocial impact factors (in terms of risk factors and collateral effects) can be seen therein. Data was collected through a question in a questionnaire and in semi-structured interviews answered by 301 participants, in Spain, and analysed through the content analysis technique and an adaptation of Jungian hermeneutics. A brief discussion of the roles of work and the unconscious in the new capitalism is proposed. Results show that dreams, as manifestations of the unconscious, bring about the risks, problems and impact on labor subjectivation of the KO, appearing as antipodes of the conscious labor desires. As a conclusion, it is posited that the unconscious can be regarded as a field of resistance against the colonization of minds and bodies by the capital.

Keywords: Psychology, Work, Organizational capitalism, Unconscious, Dream.

Introdução

Este trabalho consiste em um relato preliminar sobre um aspecto (o papel do inconsciente e dos sonhos) da pesquisa internacional *Kofarips*². Esta busca estudar as profundas mudanças na cultura do trabalho derivadas de um novo capitalismo e sua subjetivação pelos trabalhadores. Seus focos são o capitalismo acadêmico (KA) e o capitalismo sanitário (KS), isto é, as formas que o capitalismo organizacional (KO) adquire em universidades e hospitais públicos.

Historicamente, tal campo de pesquisa privilegiou determinados enfoques para seus dois temas: a nova organização capitalista do trabalho normalmente é relacionada às condições

¹ Doutorando em Psicologia Social no Departamento de Psicologia Social da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB).

² Kofarips refere-se à pesquisa *El capitalismo organizacional como factor de riesgo psicossocial: una investigación internacional*, Plano I+D+I. Referência: SEJ2007-63686/PSIC. Pesquisador principal: Josep M Blanch, UAB (Espanha). Equipe de trabalho: <http://psicologiasocial.uab.es/colaborando/es>

objetivas do trabalho, e a subjetivação laboral é vista sob a perspectiva da experiência subjetiva e consciente do trabalho e seu impacto positivo ou negativo: qualidade de vida, sofrimento e risco (estresse, *burnout*). Nossa colaboração busca privilegiar uma faceta pouco explorada da subjetivação laboral: o papel do inconsciente, do onírico e do simbólico (de uma perspectiva diferente da perspectiva psicanalítica). Discutimos elementos que conformam o trabalhar no novo capitalismo, suas mudanças e impacto organizacional, para a seguir verificar como os trabalhadores percebem conscientemente (em suas fantasias³, ou sonhos despertos) e inconscientemente (em seus sonhos) seu trabalho nesse contexto. Para tanto, utilizamos o referencial de Jung sobre o conceito de inconsciente e suas possíveis dinâmicas em relação a tais problemas.

As perguntas de partida foram: a) quais os possíveis papéis do inconsciente na subjetivação laboral do KO? e b) como as mudanças laborais derivadas do KO aparecem nos sonhos (isto é, no inconsciente) e nas fantasias dos trabalhadores? O objetivo em relação a b) consistiu em mapear e comparar os temas e fatores de impacto psicossocial na experiência subjetiva do trabalho (em termos de risco psicossocial e efeitos colaterais relacionados a qualidade de vida e bem-estar) que aparecem nesses materiais, para então elaborar respostas para a pergunta a) com base no referencial teórico. Os dados sobre os sonhos e fantasias foram coletados através de uma pergunta em um questionário e em entrevistas semi-estruturadas respondidos por 301 professores, médicos e enfermeiras de universidades e hospitais públicos ou mistos espanhóis, entre janeiro de 2008 e agosto de 2009.

A proposta de estudar sonhos e mundo laboral parece ter poucos precedentes, os quais geralmente buscam um diálogo entre psicologia *clínica* e psicologia do trabalho (por exemplo, Schmidt, 2004), ou então a consideração somente dos “sonhos” despertos. Dentre as limitações do estudo, sublinhamos seu caráter preliminar e exploratório, e o número relativamente reduzido de sonhos utilizados. Apesar dessas limitações, mostramos como o inconsciente, através dos sonhos, expressa os problemas, riscos e emoções negativas engendradas pelo trabalho no KO e se constitui em campo de resistência a ele. Buscamos assim fomentar e construir um diálogo entre Psicologia do inconsciente e Psicologia social do trabalho.

Dimensões do capitalismo⁴: organizacional, cognitivo, total

O conceito de capitalismo organizacional (KO) refere-se ao fenômeno de colonização de instituições públicas pela economia política neoliberal e pelo *ethos* do mercado, e sua reestruturação, em termos de objetivos, prioridades, organização laboral e ética, com base num paradigma empresarial e numa lógica de mercantilização e flexibilização (Blanch & Cantera, 2007a).

O modelo de serviço público passa a ser atravessado pelas tensões e contradições de uma organização fordista colonizada pelo paradigma de flexibilidade, na qual os servidores são vistos como empregados vendedores e os usuários como consumidores. O capitalismo acadêmico (Blanch & Cantera, 2007b, 2009; Slaughter & Rhoades, 2004, 2005) e o capitalismo sanitário (Blanch & Cantera, 2007a; Navarro, 1993; Waitzkin, 1983) referem-se respectivamente aos processos de colonização mercantil da universidade e dos serviços públicos

3 Chamamos tais sonhos de “fantasias” para diferenciar dos sonhos inconscientes, durante o sono (os quais chamamos de “sonhos” para resgatar a ideia antiga de sonho); porém estamos conscientes da polissemia de ambos termos.

4 As teorias sobre dimensões do capitalismo discutidas a seguir possuem contradições entre si, porém concordam em um ponto fundamental: a colonização de instâncias da vida pelo *ethos* capitalista e consumista (o qual não se restringe ao fator econômico). Nesse sentido, devem ser consideradas como *olhares* sobre o novo capitalismo e sua subjetivação, de acordo com os objetivos da pesquisa – olhares que não excluem outras teorias, como as de capitalismo global ou tardio, acumulação flexível, sociedade de consumo etc.

de saúde, objetivados na transformação da educação e da saúde em *commodities*, na flexibilização de contratos, no lucro como fundamento de seus objetivos e ética, e no gerenciamento de empresa. Trata-se de analisar como a *objetivação* da lógica e das práticas desse capitalismo se cristaliza em instituições tradicionalmente firmadas em outras lógicas e práticas, e como essa colonização reverbera em todos os âmbitos da vida laboral – inclusive o âmbito inconsciente. O objetivo é compreender como se dá a *subjetivação* laboral desse processo de empresarização, em termos de construções de significado, configurações identitárias, impacto psicossocial percebido e formas de agência e resistência por parte dos trabalhadores, em dialética com o processo de objetivação.

Partimos do pressuposto de que os reflexos dessas mudanças no capitalismo manifestam-se não somente na economia e no mundo do trabalho, mas em todas as instâncias da vida; o novo espírito do capitalismo (Boltansky & Chiapello, 2002) representa não “un modo de producción sólo de la vida económica, sino también de la social, de la política, de la cultural y, por tanto, de la *psicológica*” (Blanch & Cantera, 2007b).

Em relação ao âmbito psicológico, podem-se pensar tais mudanças através do conceito de *capitalismo total* (Dufour, 2008; Leys, 2007). Dufour (2001) sublinha dois aspectos nesse capitalismo: a “transformação das mentes” (pela ideologia do neoliberalismo e do consumismo) na educação, nos *mass media* e na cultura, e o colapso do mundo simbólico e dos valores transcendentais. Tais transformações representam um projeto de mutação antropológica, “o prelúdio de uma outra redefinição em profundidade do homem, a qual, então, atingiria não só sua mente, mas também seu corpo” (Dufour, 2005). A consequente mutação da subjetividade (“subject-form”) prenunciaria a assunção do último estágio do capitalismo, “a total capitalism in which everything, including our very being, will be dragged into the orbit of the commodity” (Dufour, 2008, p. 168).

O imperativo de transformação das mentes pelo capital aparece de forma clara no chamado *capitalismo cognitivo* (Ayestarán, 2007; Moulier-Boutang, 2007), ilustrado pelos *bestsellers* de gestão de Nordström e Riddestråle (2000, 2005). Nesse capitalismo, os mercados (isto é, o capital) são a *vis motrix* da vida através das *economias da alma* e da *gestão dos sonhos* (Nordström & Riddestråle, 2000), receitas para “desfrutar do capitalismo”⁵. No mundo descrito pelos “*business gurus*” suecos, o capitalismo muda-se em uma guerra de todos contra todos pelo domínio das almas através das emoções e dos sonhos. O primeiro passo é considerar as “almas” como mercadorias: “Debemos crear una marca, empaquetarnos y vendernos de forma que resultemos más interesantes. ¿Qué slogan utilizaría para venderse?” (p. 221). O segundo passo é inocular o imperativo do consumo através do domínio total de desejos, emoções e fantasias. O objetivo é aproveitar-se do “último tabu”: metamorfosear essas raízes humanas em algo *rentável*, o que converteria o capitalismo em humanismo. A base dessa operação está na gestão dos sonhos: “El poder consiste... en proporcionar sueños a la gente. Sueños que les emocionen, les interesen y les hagan reaccionar... La cuestión es determinar cómo puede usted aportar sueños relevantes y potentes a las tribus del mundo” (p. 225). Porém quem excreta e realiza os sonhos do consumo? As grandes companhias e líderes do *business* (Nordström & Riddestråle, 2005), numa luta pela colonização total de corpos, mentes e sonhos, numa sociedade hobbesiana mesmerizada pelo capital: “dream against dream, organizations around the world in a *total global battle for a share of customers’ money and minds*”⁶ (p. 243, itálicos nossos). O ser humano já não é visto como um animal sedento de poder (Hobbes), mas como uma espécie de cão de Pavlov perfeitamente condicionado pelo consumo: “En la aldea global funky, *los que follan y los que compran* han ganado la batalla” (Nordström & Riddestråle, 2000, p. 225, itálicos nossos).

5 “To enjoy capitalism” – um bom exemplo do que Baudrillard (1998) chama de “fun morality”, o imperativo moral de consumir junto com o imperativo emocional de “estar feliz” (a qualquer custo).

6 Tal discurso revela que o alvo da colonização e homogeneização total pelo consumo não consiste somente nos sonhos “despertos” (fantasias), mas nas mentes, incluindo a inconsciente.

O trabalho no novo capitalismo e no capitalismo organizacional

As mudanças no mundo do trabalho implementadas pelo KO são complexas e multifacetadas; todavia, para nossos propósitos, elas podem ser resumidas em alguns fatores gerais: o consumo e o individualismo como *valores* hegemônicos (mercantilização do mundo e dos indivíduos); *flexibilização* laboral e *aceleração* do tempo; e crescente *superfluidade* do trabalho e do indivíduo. Esses fatores resultam numa perda da centralidade do trabalho como fonte de *sentido* e numa *alienação* do trabalhador em relação a seu trabalho, ao mundo, a si mesmo e às relações humanas.

Segundo Blanch (2003), até a era do capitalismo industrial o trabalho ainda portava para os trabalhadores um papel central em relação a formas de significação da subjetividade, das relações sociais e da vida, e como forma de enraizamento na realidade (em termos de status, organização do tempo, papel social e dignidade). No novo capitalismo o trabalho sofre uma crise em seu papel de fonte do sentido, precisamente em função dos fatores mencionados. O consumismo, a flexibilização e o individualismo geram o que Sennett (1998/2005) chamou de “corrosão do caráter”, uma insegurança permanente e uma falta de referentes psicossociais e éticos estáveis que permitam construir subjetividades e relações sociais estáveis. Castells (2005) menciona a característica capitalista de *aceleração* de tudo, num esforço incessante para comprimir o tempo em todos os âmbitos da atividade humana, especialmente o laboral. E, na medida em que o capital gerencia de forma cada vez mais totalitária (Allott, 2002) as vidas e o mundo, suas características parecem tornar-se mais e mais definidoras do trabalho e dos indivíduos: sua flexibilidade, em uma corrida inexorável pela acumulação infinita, determina o tempo – tempo flexível, comprimido, acelerado; seu caráter supérfluo gera trabalhadores, empregos e carreiras supérfluos; seu espírito abstrato e absurdo (Boltanski & Chiapello, 2002) produz trabalho sem sentido e alienado.

No entanto, em pleno florescimento do capitalismo industrial, Marx já apontava os elementos do mundo do trabalho que estão na gênese dos fenômenos contemporâneos da alienação e da falta de sentido. Por um lado, a crítica marxiana clássica centra-se na alienação do trabalhador em relação à sua atividade de trabalho (e ao fruto de seu trabalho), e sua mercantilização e desumanização nesse processo. Por outro, aponta a crise da representação do *valor*, atrelada à desconsideração das *qualidades* do trabalho em favor da mera *quantidade* (Freitas, 1991), e antevê a fragmentação e mecanização do trabalho pelo taylorismo; o trabalho e o trabalhador tornam-se aí mera mercadoria, quantificável, atomizada – e isolada do sentido.

A crise do sentido e a alienação em relação ao trabalho apenas se radicalizam no novo capitalismo, pois são consequências inerentes ao capitalismo desde seus primórdios. “Radicalizam-se” talvez não seja o termo correto, pois o que ocorre é exatamente a progressiva aniquilação das *raízes* do ser humano no mundo, na realidade. Arendt (2006) aponta a irrealidade decorrente desse desenraizamento: “Incluso el trabajo en sí ya no está ligado a la realidad, pues consiste sólo en el proceso; de todos modos, con él nos ganamos los medios para sobrevivir. Ésta es la única ‘realidad’ que hay en él” (p. 474). Mesmo a sobrevivência muta-se em consumo: “El *circulus vitiosus* de la economía moderna: consumimos para vivir. Producimos para consumir. Consumimos para producir (...); por tanto, consumimos por consumir” (p. 458). Em suma: o capital assume o lugar do trabalho como fonte de sentido; o eterno metabolismo com a natureza torna-se o fluido metabolismo, ou autofagocitação, do consumo – e então tudo que é sólido desmancha-se no ar.

Cabe aqui a pergunta: não há uma instância humana que se contraponha a esse *state of affairs*? Partimos da hipótese de que, além da *vontade* (a possibilidade consciente de contrapor-se a essa situação e modificá-la), o *inconsciente* representaria a possibilidade de um contraponto natural à cultura capitalista. Concordamos com o panorama traçado por Alves (2008), que em artigo publicado nesta revista analisou a “captura” do inconsciente (e da subjetividade) pelo

capital – análise próxima à que apresentamos aqui, sobre a colonização do inconsciente pelo capitalismo cognitivo. Nesse sentido, impõe-se a tarefa de pesquisar a relação entre inconsciente e capitalismo na contemporaneidade, especialmente em relação à subjetivação das mutações capitalistas. Para isso, propomos retomar uma proposição de psique e de inconsciente *dialética* e não-reducionista: a psicologia analítica de Jung.

O conceito de inconsciente em Jung

Na teoria de Jung, essencialmente dialética, há duas esferas psíquicas: a consciência e o inconsciente. O ego (*Ich*, eu) representa o centro da personalidade consciente, e assim a possibilidade de ação pela vontade, à medida que consciência implica em livre-arbítrio. Não há determinismos, e sim uma ênfase no posicionamento ético do indivíduo em relação à vida e ao inconsciente.

A psique inconsciente porta algumas características: é (relativamente) autônoma em relação ao ego; tem uma finalidade ou direcionamento (*telos*), como todo processo psíquico; é criativa e auto-reguladora; e se expressa em uma linguagem simbólica própria. O inconsciente tem dois lados, o inconsciente pessoal (IP) e o coletivo (IC). O IP é formado por conteúdos derivados das histórias e experiências pessoais, e assim pode ser conscientizado; são fatores individuais incompatíveis ou infantis que o ego reprime ou desconhece. O IC é formado por instintos e arquétipos, elementos psíquicos coletivos ou transpessoais, comuns a todos os seres humanos. Os arquétipos são possibilidades *a priori* de formação de imagens ou representações que organizam a percepção da realidade e ordenam as experiências mais universais de uma forma especificamente humana e histórica, através de um significado. É como se nascêssemos com a história das experiências humanas de milênios em nossas psiques, porém não de forma concreta, e sim como *possibilidades*. Os arquétipos são formas típicas de *fantasiar* (Jung, 1959, 1947/1984).

A outra esfera coletiva da psique é a consciência coletiva (CC). O conceito provém de Durkheim e designa os padrões culturais coletivos (valores, moralidade, comportamentos: *mores* e *ethos*). O indivíduo, como ser social, tem de haver-se com a CC, e a adaptação a ela dá-se através da *persona* (P, latim, “máscara do ator”), os papéis sociais típicos que servem como função de relação com os outros e com o mundo. Por definição, quanto mais o indivíduo se identifica com a P, mais coletivo e superficial se torna, e menos individual. Essa individualidade inconsciente, alienada da vida consciente, constitui o que Jung chama de *sombra* pessoal (S), que aparece de forma *compensatória* à P, forçando seu reconhecimento e assim um reequilíbrio⁷. Esse impulso constitui um *telos* da personalidade em direção à individualidade, à conscientização e realização do que é coletivo e do que é individual na personalidade, dialeticamente. A compensação inconsciente aparece ainda em termos coletivos: quanto mais a CC afasta-se de suas raízes inconscientes, simbólicas e instintivas, mais “carregado” se torna o IC, que aparece como compulsões coletivas: “ismos”, movimentos de massa, epidemias psíquicas⁸.

A linguagem do inconsciente é naturalmente simbólica: “Assim como uma planta produz flores, assim a psique cria os seus símbolos” (Jung et al., 1964/1990, p. 62). O símbolo é assim expressão da natureza e do irracional no ser humano. Por um lado, é expressão dos conteúdos arquetípicos, que antigamente conformavam *ethos* e *mores* de uma cultura através de

7 A sombra coletiva representa mesma dinâmica (como os elementos humanos desconsiderados, reprimidos ou pervertidos pela CC), porém em termos coletivos e mais complexos (pois normalmente está vinculada, de forma mais nítida e profunda, ao IC).

8 Essas seriam manifestações radicais e concretas dessa sombra coletiva (que aparece ainda nas artes e na literatura, de forma simbólica).

sistemas simbólicos religiosos que eram o próprio fundamento da vida social. Por outro lado, é exatamente a possibilidade de junção dos opostos psíquicos (por exemplo, *sombra* e *persona*), representando assim o motor (*Aufhebung*) da dialética entre inconsciente e consciências (do ego e coletiva), entre racional e irracional, entre indivíduo e coletividade. A ideia de símbolo como imagem de uma dialética possível descansa em seu étimo: *sym bollon*, de *syn-* “junto” + *ballé* “lançar, jogar”, isto é, “lançar juntos os opostos”, em *uma* imagem.

A cultura capitalista representa uma dissolução da possibilidade de dialética: a *massificação*, *pari passu* com um simulacro de individualidade, e o *individualismo*, ambos, criados pelos imperativos do consumo, constituem-se em esvaziamento tanto da *cultura* (que caminha para uma submissão total ao caráter abstrato e supérfluo do capital) quanto do *indivíduo* (homem-massa a quem só resta consumir signos de individualismo). De acordo com a teoria de Jung, o inconsciente traria um possível contraponto, desvelando patologias (da cultura e do indivíduo), mas também possibilidades criativas – em termos individuais, revelando uma compensação ou contraponto em relação à *persona* e à CC; e, no caso do trabalho, compensação em relação a experiências, expectativas, fantasias e relações laborais no contexto do KO. Em termos coletivos, fornecendo um contraponto em relação à própria cultura, em todos os seus aspectos.

De acordo com essa teoria, o sonho (dormindo), como produto natural do inconsciente, é imagem de uma instância que não é passível de redução ou colonização *totais* pelo consumo. Portanto, os efeitos colaterais do capitalismo e seu impacto no mundo laboral e nas subjetividades apareceriam com mais clareza nessa vida inconsciente. A ameaça de colonização do mundo inconsciente e simbólico pela aura do capital⁹ significa a ameaça de falência dessa possibilidade de compreender e modificar a situação.

Objetivos, método e análise de dados

O objetivo geral restringiu-se a fornecer uma espécie de mapeamento comparativo e qualitativo preliminar dos temas relacionados a mudanças laborais dentro do KO que aparecem nas fantasias e sonhos dos trabalhadores, e os fatores de impacto psicossocial que podem ser aí vislumbrados; e analisar tal mapeamento, de forma modesta, através do referencial teórico. O objetivo secundário consistiu em elaborar uma discussão inicial do papel do trabalho e do inconsciente no novo capitalismo.

Os dados foram coletados em 2008 e 2009 em diversas cidades espanholas por meio de uma pergunta aberta em um questionário e em entrevista semi-estruturada¹⁰: “Conte algum sonho ou fantasia sobre seu trabalho (que você tenha tido dormindo ou acordado)”. A amostra (por conveniência, intencional e estratificada) foi composta de 301 trabalhadores de universidades e hospitais públicos ou mistos espanhóis – divididos nas seguintes categorias: c1) professores universitários titulares ou catedráticos – com contrato estável; c2) professores universitários nem titulares nem catedráticos – com contrato instável; c3) médicos; c4) pessoal

9 Tal colonização aparece e tem sido estudada em muitas dimensões da vida que têm raízes no inconsciente: o mundo das *emoções*, *instintos* e *comportamento* em geral é mais e mais governado através da mídia de massas, novas tecnologias (a “sociedade tecnocrônica” de Brzezinski), “psicoterapias”, drogas, labor emocional (Bryman, 1999), etc.; o mundo da *fantasia* e *mythopoesis* – narrativas religiosas, contos de fada e mitos – é absorvido, mercantilizado e *bowdlerised* em games, filmes, quadrinhos etc.; a função *religiosa* é mercantilizada através do televangelismo, religiões “à la carte” (Bibby, 1997), e *Disneyization* (Bryman, 2004; Lyon, 2000); a *imaginação* é tornada obsoleta e substituída por narrativas que não deixam espaço para ela; e, finalmente, o mundo *simbólico* é substituído por simulacros (*signos* de consumo).

10 O questionário consistia de várias escalas e microescalas (sobre ambiente laboral, stress, bem-estar etc. percebidos) e perguntas abertas; a pergunta referida era a de número 27 e encontrava-se ao final do questionário. As entrevistas foram baseadas na estrutura do questionário e conduzidas por integrantes do grupo de pesquisa *coLABORando*. No entanto, a maior parte dos dados (82%) proveio das respostas ao questionário.

de enfermagem – dos quais foi obtido um consentimento informado. As respostas foram gravadas e/ou transcritas.

Os sonhos despertos (que aqui chamamos de “fantasias”) foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (1977). Os sonhos (dormindo) foram analisados através de elementos da hermenêutica de Jung¹¹ (1944/1994): a) tematização (qual o tema principal do sonho); b) atitude do ego (como o sonhador se posiciona perante o tema ou problema referido no discurso onírico, no sonho e na realidade concreta); c) compensação (como o inconsciente compensa no sonho a atitude do ego); d) interpretação no nível do objeto (tomar as imagens oníricas concretamente) e/ou no nível do sujeito (as imagens são tomadas como símbolos de tendências ou partes da personalidade do sonhador).

Sonhos, pesadelos e fantasias dos trabalhadores

A forma com que coletamos os sonhos e fantasias – a pergunta sobre sonhos que a pessoa teve dormindo ou acordado – tem sua razão de ser. Na língua espanhola (e em várias outras), a palavra “sonho” passou a ter como conotações principais “sonho acordado”, “ideal”, “esperança de” – mais ou menos como em “sonho americano” ou “sonho de consumo” –, ao passo que o significado antigo, de sonho como a experiência onírica, inconsciente, parece ter sido eclipsado. Para nós, a primeira conotação refere-se mais a uma mistura, em proporções variáveis, entre aqueles objetivos, valores e ideais de vida dados pela cultura (capitalista), i.e., pela consciência coletiva, e os valores e ideais do indivíduo; nesse sentido, reflete o posicionamento consciente do indivíduo diante desses valores da CC (ou a falta desse posicionamento, isto é, sua identificação inconsciente com tais valores). Já o sonho dormindo refere-se a algo não-consciente, irracional, que pode fugir ao controle da consciência (pessoal e coletiva). Ao formular a pergunta dessa forma, estávamos interessados na possível diferença, ou distância, entre o que os trabalhadores diriam a respeito de um e/ou outro significado do termo “sonho”.

Discutimos primeiro as fantasias e depois os sonhos dos trabalhadores, divididos nas categorias de profissionais c1, c2, c3 e c4. A ideia é contrapor os sonhos ao que aparece anteriormente nas fantasias. Como o leitor poderá perceber, os sonhos têm por conteúdo majoritário situações problemáticas, difíceis, angustiantes; talvez isso possa ser considerado natural, por uma tendência das pessoas de lembrar, ou prestar atenção, somente os sonhos mais problemáticos. Além disso, alguns sonhos provavelmente apontam questões *pessoais* dos trabalhadores (como alguma relação com um colega específico, por exemplo), as quais não podemos investigar. De qualquer forma, todos os sonhos relatados podem ser vistos como a imagem inconsciente da questão/situação do trabalho para o trabalhador, e tal questão está sempre e por definição dentro de um contexto social¹².

11 Até o momento, não foi possível cumprir (ou somente de forma parcial) com todos os passos requeridos pela hermenêutica junguiana (por exemplo, obter *associações* acerca dos elementos do sonho, interpretar o sonho em relação a uma *série* de outros sonhos da mesma pessoa, conhecer o *contexto* psicológico em que a pessoa teve o sonho). Utilizamos assim uma adaptação simplificada dessa hermenêutica.

12 O contexto social específico dos participantes pode ser visto, de maneira *geral*, como o de trabalhadores que têm profissões relativamente valoradas, que exigem alta formação e responsabilidade (com correspondente retorno financeiro, em muitos casos) – uma espécie de elite, em termos sociais, vivendo em um país europeu desenvolvido, que no entanto percebe as crises e transformações do capitalismo e seus efeitos.

Categoria 1 (c1)

Os professores universitários com contrato estável relataram alguns sonhos e um número considerável de fantasias; porém, muitos não responderam a pergunta, ou afirmaram que não lembravam de sonhos com o trabalho. Alguns disseram não sonhar com o trabalho: “*si tienes autonomia no es necesario soñar*” [P15]; “*mi trabajo no perturba mi sueño*” [P26]; “*el trabajo no tormenta mis sueños*” [P27].

Os dois temas que apareceram com mais frequência nas fantasias da c1 (Quadro 1a) foram o *tempo* e os *alunos*.

Quadro 1a: Fantasias (categoria 1)

Tema	Percepção	Impacto psicossocial hipotético
Tempo	Não ter pressa, diminuir velocidade, menos horas de docência e de trabalho administrativo; ter tempo para pesquisa e relação com colegas	Alienação em relação a alunos e colegas; ansiedade, <i>burnout</i> Insatisfação
Administração/ Burocracia	Menos e-mails; não ter tarefas administrativas; antagonismo entre “trabalho” e tarefas administrativas	Isolamento
Organização	Ter mais poder decisório; mais vagas; melhora geral das condições de trabalho	
Pessoal/Carreira	Ser bom profissional; investir em formação; crescimento de <i>status</i> e realização	
Alunos	Ter menos alunos; mais recursos para eles, mais tempo para trabalhar pessoalmente	Alienação

Esses professores desejariam ter menos horas de docência e de trabalho administrativo, diminuir a velocidade do trabalho e, assim, ter mais tempo para pesquisa, publicações, socializar e trocar com os colegas. A ênfase recai bastante sobre as tarefas administrativas e burocráticas, inclusive leitura e escrita de e-mails [P6]; alguns apontaram em seus desejos um antagonismo entre essas tarefas administrativas e o que consideram como seu *trabalho* propriamente:

Organización de servicios comunes bien establecidos que disminuyan la dedicación de los investigadores a tareas administrativas y técnicas y lo puedan dedicar a su trabajo [P11]. No hay carga administrativa. Solo investigación y docencia [P302].

Em seus discursos aparece ainda uma dificuldade de conciliar pesquisa com docência e tarefas administrativas; muitos desejariam ter mais tempo, recursos e pessoal para pesquisar. O tempo influi ainda na relação com os alunos, em turmas muito grandes:

A mi siempre me habría encantado tener un grupo reducido de alumnos para poder tratarlos personalmente, sabiendo sus nombres y conociendo todas sus características [P32].

Algumas mudanças na organização também são sonhadas; sublinhamos o desejo de ter mais autonomia e mais professores (colegas). As fantasias em relação à formação e à carreira são tradicionais: ser bom profissional, investir mais na formação; um participante menciona um signo de um almejado enorme sucesso profissional: ganhar um Nobel.

Contrastando com esses desejos, quase todos os sonhos relatados (Quadro 1b) eram “sonhos de angústia”, ou pesadelos, relacionados aos alunos (e à aula). Um sonho interessante:

Es una pesadilla que he tenido un par de veces en la que entraba a una clase y no conocía a los alumnos (que yo procuro saber siempre sus nombres) y tengo pánico escénico [P23].

O tema desse sonho está relacionado com a fantasia relatada por esse participante:

Que la gente se implique más, tanto alumnos como profesores y que éstos... tengan un trato más personal y continuo con los alumnos a fin de motivarlos [P23].

Quadro 1b: Sonhos (categoria 1)

Tema	Conteúdos	Interpretação
Alunos/Aula	Sonhos de angústia (pesadelos): não ser escutado em aula, não estar preparado, ter pânico, não conhecer os alunos. Continuar o trabalho durante o sonho	Alienação em relação ao trabalho e aos alunos. Trabalho invade o mundo onírico
Ambiente laboral	Ser processado sem justificativa	Insegurança; sentir-se vigiado

Enquanto o desejo (fantasia) e a atitude conscientes desse participante eram de buscar uma relação mais pessoal com os alunos, o sonho aponta o contrário: não conhecer os alunos, estar distante deles, não saber como lidar com a aula. Um outro sonho ilustra de maneira distinta esse distanciamento em relação aos alunos e ao trabalho:

Llegar a la clase sin los apuntes... pero también me he despertado con la angustia de tener que ir a una clase para la que no me sentía preparado o en la que no me escuchaban [P28].

Não ser ouvido, não conhecer os alunos, não estar preparado: os sonhos trazem situações e emoções antípodas àquelas desejadas nas fantasias. O contexto de trabalho no KA, com crônica aceleração do trabalho e falta de tempo, e um número diminuto de professores para um número elevado de alunos, parece ocasionar um distanciamento emocional ou alienação em relação ao trabalho docente e aos alunos. Em professores com muitos anos de experiência e estabilidade laboral, os sentimentos de angústia e *despreparo* perante o trabalho surgem como contraponto significativo às fantasias e à própria forma com que esses trabalhadores veem a si e a seu trabalho conscientemente. A alienação em relação ao trabalho aparece ainda no esquecimento das tarefas profissionais: um professor sonhou

Que tenía un examen con los alumnos y no me presentaba, se me había olvidado [P300].

Interessante que essa alienação não apareça relacionada aos colegas – a não ser em uma resposta, bastante significativa: o desejo do professor era “tener ayuda” [P37], o que aparenta ser um exemplo radical de isolamento, ou alienação, em relação aos colegas e à direção. Outro sonho comum, que apareceu em todas as categorias de profissionais, é aquele em que o trabalhador continua a atividade laboral durante o sonho: ao invés de alienação, é como se a pessoa nunca parasse de trabalhar; o mundo do trabalho invade o mundo onírico. Em suma, as emoções expressas nos sonhos apontam para uma situação laboral tensa e carregada, de pressa, despreparo, isolamento. A tensão, cobrança e (presumível) insegurança constantes no trabalho no KA aparecem claras no seguinte sonho:

Siempre tengo la pesadilla de que me abran un expediente injustificadamente [P299].

Categoria 2 (c2)

Em suas fantasias (Quadro 2a), os professores com contrato instável repetiram questões laborais apontadas pela categoria 1, especialmente em relação ao *tempo*. Porém, a ênfase na importância dos *alunos* foi menor. Alguns gostariam que os alunos tivessem acesso a mais recursos, enquanto um professor expressou um desejo distinto:

Me gustaría que los estudiantes fueran más participativos [P48].

Segundo nossa própria experiência como professor, essa fantasia talvez aponte para um sintoma conhecido da mercantilização da universidade e da individualização na cultura –

alunos que se comportam como *consumidores* passivos do conhecimento, clientes atomizados que não buscam uma construção coletiva do conhecimento (enquanto os professores são vistos como prestadores de serviço, funcionários).

Quadro 2a: Fantasias (categoria 2)

Tema	Percepção	Impacto psicossocial hipotético
Tempo	(Idem à categoria 1)	Alienação em relação a alunos e colegas; ansiedade, <i>burnout</i>
Pesquisa	Maior qualidade e inovação; conflito com docência e tarefas burocráticas	Insatisfação
Trabalho (organização)	Maior número de professores; trabalho estável; melhor relação direção/empregados; manutenção da universidade pública, sem corporativismo	<i>Burnout</i> , insegurança, ansiedade
Pessoal/Carreira	Reconhecimento; incentivo, aplauso; melhor salário; crescimento de <i>status</i> e realização	
Alunos	Mais participação por parte dos alunos	

Em comparação com a c1, os professores da c2 enfatizaram muito mais fantasias relacionadas à carreira, ao triunfo social, ao desenvolvimento de pesquisa – o que podemos considerar previsível, dado que a c1 já realizou essas fantasias, ao menos em parte. No entanto, o conflito entre o desejo de oferecer docência de qualidade e ao mesmo tempo ter de dedicar-se a pesquisa e tarefas burocráticas é mais ressaltado por esses professores. Eles percebem uma situação laboral de grande carga de trabalho, de desejo de ascensão profissional (mais reconhecimento, responsabilidade, promoção – como professores e pesquisadores), mas falta de tempo e incentivo para realizá-la, além de um clima organizacional difícil, de cobrança constante e divergências com a direção.

Provavelmente por causa de sua situação laboral precária, essa categoria salientou muito mais aspectos negativos, ou de risco, do KA: gostariam que a universidade tivesse maior número de professores, a fim de diminuir sua carga laboral; gostariam de ter trabalho estável e melhor relação da direção com os empregados. A estabilidade é o desejo mais conspícuo:

Que sea mi trabajo por toda la vida [P44]. Creo que mi sueño sería tener trabajo estable y acorde al esfuerzo que he invertido [P54].

Por sua vez, a insegurança e a instabilidade de sua situação são associadas à percepção de que a universidade pública corre riscos – o que revela uma consciência da ação do KA e o desejo de ir contra essa tendência:

Seguir en la universidad PUBLICA [P56]. Que el corporativismo y “estamentalismo” dejen paso a una forma cooperativa y colaborativa de trabajo [P301].

Os sonhos dos professores c2 (Quadro 2b) foram ainda mais carregados emocionalmente que os da c1; quase todos eram sonhos de angústia. No entanto, enquanto os sonhos da c1 concentravam-se mais na relação com os alunos e com a aula, os da c2 também focavam a relação com os colegas, a pressão do tempo e da avaliação contínua no trabalho. Alguns desses sonhos ilustram a percepção do inconsciente sobre a realidade laboral desses professores:

Sueños en la que se continua la actividad laboral desarrollada mientras se está despierto (redacción, lectura, corrección...) [P43].

A menudo he tenido sueños... en época de mucha presión sobre la faena donde hacía horarios laborales de uns 14 o 15 horas diarias o quizá más, que entonces tenía como una obsesión por la

faena. Durante los sueños pensaba en los experimentos que realizaban, se... correctamente o incorrectamente; pensaba en el experimento que quería realizar el día siguiente o la semana siguiente.... También he soñado que se producían contaminaciones dentro del laboratorio de bio-seguridad y esto me generaba un cierto malestar; también una vez soñé con acusaciones entre los compañeros. Esto me generaba estrés hasta que reducí un poco la jornada laboral y entonces vino un tiempo de relax, y estos sueños, por suerte, desaparecieron [P49].

Quadro 2b: Sonhos (categoria 2)

Tema	Conteúdos	Interpretação
Alunos/Colegas	Sonhos de angústia (pesadelos): descontrolo da classe; ser acusado de incompetência; não ser compreendido	Alienação em relação ao trabalho e aos alunos. Tensão nas relações sociais
Trabalho	Aumento da carga laboral; obsessão com o trabalho; acidentes. Continuar o trabalho durante o sonho	Trabalho invade o mundo onírico. Pressão, ansiedade, insegurança, obsessão
Tempo	Ansiedade por realizar tarefas sem ter tempo. Não chegar a tempo	Ansiedade; pressão. Sentir-se perdido

O primeiro sonho reflete a invasão do mundo onírico pelo mundo laboral, já mencionada em relação à c1; é como se o indivíduo trabalhasse 24 horas por dia, o que é muito cansativo e estressante. No relato do segundo sonho isso fica mais claro: o trabalho ininterrupto gera uma “obsessão laboral”, trazendo sonhos que prolongam as preocupações do cotidiano laboral noite adentro. A segunda parte desse sonho é interessante: a *vida* laboral e uma possibilidade de *segurança* no trabalho (*bio-seguridad*) são *contaminadas*; a tensão e a precariedade laboral contaminam a vida onírica, causando mal-estar. É possível afirmar ainda que esses sonhos apontam a possibilidade de tais acidentes acontecerem no mundo real, precisamente pelo estado de estresse em que o sonhador se encontrava. As acusações entre os companheiros de trabalho não deixam de ser análogas à primeira cena: as relações sociais no trabalho também estão contaminadas, angustiantes. Tal tensão nas relações sociais do trabalho aparece em outros sonhos:

Soñaba que se me acusaba de incompetencia o que no me comprendía mi entorno. [P53].

Esse sonho de ansiedade possivelmente revela o temor de ser visto como incompetente – ainda mais numa situação laboral precária e instável –, o contexto de competição e individualismo do trabalho, e a alienação em relação ao ambiente laboral. Comparando-se com o desejo (fantasia) relatado por esse professor,

Que se producía un aplauso que nunca llegará [P53].

ficam claras a distância entre o sonho e a fantasia, e o pessimismo em relação a seu trabalho e à possibilidade de este trazer uma recompensa – mesmo que simples aplausos.

A ansiedade aparece ainda em pesadelos relacionados ao tempo, aos alunos e à necessidade de controlar a aula:

Alguna pesadilla en la que se me descontrola una clase [P59].

Son mas bien pesadillas: no llegar a tiempo; no entregar a tiempo memorias, etc.; perderme en un edificio y no poder cumplir con lo que tenía que hacer [P298].

Os sonhos são claros: ansiedade pela perda do controle em relação aos alunos e ao gerenciamento do tempo e das tarefas. A última imagem é significativa: o trabalhador sente-se *perdido* num edifício (a instituição, talvez a universidade) e não consegue trabalhar.

Categoria 3 (c3)

Em suas fantasias (Quadro 3a), os médicos repetiram os temas básicos dos professores: centraram-se de modo geral no *tempo*, nos *pacientes* (em lugar dos alunos) e na *organização*. A falta de tempo, a pressa constante, o acúmulo de trabalho são características de seu trabalho que sonham poder mudar. Alguns pontos que chamaram a atenção: o desejo de “ter mais espaço” por parte de alguns profissionais; o desejo de poder descansar e ter tempo para poder não levar trabalho para casa (a impressão é que a carga de trabalho é enorme para esses sujeitos), e de ter menos burocracia: “*no tener que rellenar tantos papeles*” [P92] – o que concorda com estudos espanhóis com essa população, os quais referem um aumento do volume de tarefas burocráticas para os médicos e uma correspondente insatisfação (ao mesmo tempo em que relatam satisfação com a maior rapidez e facilidade na realização dessas tarefas, oferecidas pelas novas tecnologias informáticas). Apesar de desejarem ter menos pressa no trabalho, alguns gostariam de acelerar o processo: ter mais rapidez de diagnóstico possibilitaria ter mais tempo livre. Ter mais tempo seria muito importante para o crescimento e expansão de suas carreiras: sonham poder investir em formação e docência.

Quadro 3a: Fantasias (categoria 3)

Tema	Percepção	Impacto psicossocial hipotético
Tempo	Ter mais tempo e espaço; descansar; menos burocracia; rapidez de diagnóstico	Ansiedade, <i>burnout</i>
Paciente	Melhora de qualidade assistencial; novas técnicas; ter agradecimento; outros médicos	(Insatisfação)
Organização	Mais autonomia, recursos, oportunidades de formação, valorização; não ter pressões por produtividade; melhor remuneração	Pressão, ansiedade (Insatisfação)

Da mesma forma que a c1, os médicos deram muita importância ao paciente, desejando melhora da qualidade de assistência, novas técnicas, maior número de médicos; e gostariam de ser agradecidos e valorizados por esses pacientes. Em comparação com as categorias anteriores, os médicos ressaltaram mais as mudanças impostas pelo KS e as dificuldades e deficiências delas advindas na organização: gostariam de ter melhores serviços, menos pacientes, mais recursos e autonomia, melhor remuneração. Uma resposta deixa claro o contexto laboral de um médico, que sonha ter:

El ejercicio de la profesión en el modelo actual pero sin presiones de productividad y primando la calidad asistencial y ofreciendo una remuneración acorde a las cualidades del profesional [P76].

As pressões por produtividade juntam-se ao número elevado de pacientes e diminuto de médicos, redundando num tempo demasiado exíguo para as consultas (e para todas as outras tarefas do médico); a qualidade assistencial não tem primazia nesse modelo mercantil de saúde – nem a saúde do médico. Pode resultar desse contexto um ambiente laboral tenso, de pressa e ansiedade constantes – ainda mais numa profissão que lida com a vida e a morte de tantas pessoas a cada dia, e em que um erro pode resultar numa catástrofe para a saúde do paciente e para a carreira do médico. A última parte da fantasia desse médico [P76] é também significativa: faz pensar na perda da ideia de qualidade mencionada anteriormente na análise marxiana do trabalho no capitalismo, pois o que é remunerado não é a *qualidade* do profissional (ou do serviço prestado, do *rappport* com o paciente), nem mesmo a promoção da saúde tanto do paciente como do médico – mas sim o *número* de pacientes atendidos, de encaminhamentos etc. É claro que um sistema assim só pode gerar uma tensão enorme para atender às metas de

produtividade e/ou uma alienação crescente da imagem tradicional do médico e de seu trabalho.

Todos os sonhos (Quadro 3b) relatados eram de ansiedade. A maioria concentra-se no *paciente*: é um caso de difícil solução, o médico dá voltas e não consegue resolver. Nos sonhos mais angustiantes, o paciente morre, ou telefona dizendo que quer suicidar-se. Deixando de lado a interpretação “no nível do sujeito”¹³, esses sonhos refletem a dificuldade do trabalho do médico, a pressão e ansiedade que sente ao tentar resolver os problemas – e, no caso da morte ou ameaça de suicídio, simplesmente o fracasso de seu trabalho. Claro que esse é um temor que acompanha vários médicos, mas é significativo que muitos dos sonhos relatados por nossos sujeitos tenham precisamente essa temática.

Quadro 3b: Sonhos (categoria 3)

Tema	Conteúdos	Interpretação
Paciente	Sonhos de angústia (pesadelos): não conseguir resolver o caso; paciente morre ou quer suicidar-se	Pressão laboral. Tensão nas relações laborais
Trabalho/ Tempo	Não conseguir solucionar problemas ou terminar o trabalho; atrasos	Pressão, ansiedade, insegurança
Carreira	Não está preparado; não pode trabalhar (não terminou a graduação)	Ansiedade; pressão. Sentir-se perdido. Regressão

O trabalho em geral aparece da mesma forma: nos sonhos o médico não consegue solucionar problemas, ou terminar o trabalho; atrasa-se, ou acaba o tempo e nem mesmo começou o trabalho que tinha. Essas imagens são análogas às que apareceram com a mesma temática nas categorias 1 e 2, com significados também análogos: o problema do tempo no KO. Um profissional emitiu uma opinião interessante a respeito dos sonhos:

No hay sueño de “blancanieves”, príncipes o princesas. Por el contrario, son vueltas y más vueltas a problemas con pacientes de difícil solución; intentando buscar salidas [P88].

Não há uma diferenciação clara nessa elocução se está referindo-se a sonho ou fantasia. Porém, a escolha de palavras é significativa: não há mais sonhos (ou fantasias) “simbólicos”, de conteúdo arquetípico – é como se, por um lado, o mundo inconsciente mais profundo fosse soterrado pela rotina do trabalho e seus problemas (o que já foi discutido aqui em relação a outros sonhos), e, por outro lado, o trabalho e a profissão de médico se desinvestissem de seu profundo caráter simbólico, tornando-se o profissional mero solucionador de problemas. Para ilustrar com uma imagem: contrastando com o caráter do “médico divino” de Esculápio, capaz de desafiar a vida e a morte – caráter que ainda portava Hipócrates e que está na origem da medicina ocidental e em seu signo tradicional, o caduceu com a serpente –, o médico passa a ser considerado como uma espécie de máquina que dá diagnósticos e tratamentos rápidos, padronizados, tornando-se assim supérfluo e desumanizado.

Categoria 4 (c4)

Em comparação com as outras categorias, as fantasias (Quadro 4a) de enfermeiras e enfermeiros refletem com muito mais clareza os aspectos do KO discutidos anteriormente, talvez por essa categoria integrar muitos profissionais com contratos precários, que lidam por

¹³ Nesse tipo de interpretação, o paciente seria visto como um símbolo de um lado da personalidade do sonhador, relativamente inconsciente, que está “enfermo”, precisando de cuidados, prestes a morrer. Além de não dispormos das informações necessárias para interpretar o sonho dessa forma (associações dadas pelo sonhador sobre quem era o paciente no sonho, como ele aparecia), esse não é o objetivo deste trabalho. Fica assim em aberto qual seria o tipo de interpretação mais adequado para esses sonhos (sendo que os dois tipos de interpretação não são necessariamente mutuamente excludentes).

mais tempo e de forma mais direta com os pacientes, e ter tradicionalmente menos autonomia e *status* em comparação com os médicos. Uma resposta faz pensar em nossa citação de Arendt acima sobre a (ir)realidade do trabalho, a alienação do trabalhador:

No tengo sueños a nivel de trabajo. Para mi el trabajo es un medio, prefiero desarrollarme en otras áreas de mi vida [P133].

Quadro 4a: Fantasias (categoria 4)

Tema	Percepção	Impacto psicossocial hipotético
Tempo	Melhores horários; menos pressa e burocracia; ter tempo para tarefas assistenciais	Ansiedade, <i>burnout</i>
Pacientes	Poder tratar como pessoa; melhorar qualidade do cuidado; não ter de esperar muito	Alienação/reificação do paciente. Violência ocupacional
Ambiente laboral (organização)	Maiores recursos, pessoal mais capaz; menor volume de trabalho e pressão; melhores salários. Ter contrato fixo; saúde não ser vista como empresa. Mais autonomia. Trabalho ser mais em equipe. Ser ouvido pela direção	<i>Burnout</i> ; insegurança, ansiedade. Isolamento
Colegas	Ter mais companheirismo, empatia, respeito, paz	Tensão nas relações laborais
Formação	Poder ter mais estudo/experiência; ter apoio institucional	(Insatisfação)

O *tempo* novamente foi muito salientado, porém com uma ênfase maior no desejo de ter menos volume de trabalho e melhores turnos. A importância do paciente (desejo de que não tenha de esperar por atendimento, possa usar terapias alternativas etc.) foi sublinhada nas fantasias, chamando a atenção os desejos de “tratar do paciente como pessoa” e de melhorar a qualidade do cuidado; e também a importância da relação mais positiva e empática com os colegas. A desumanização no trato dos pacientes, devido à pressa e à padronização, provavelmente está por trás desse primeiro desejo.

As condições de *trabalho* em si, relacionadas à organização, foram o que mais chamou a atenção nessas fantasias. Por um lado, essa categoria deseja enfaticamente mais autonomia, a possibilidade de mudar coisas, sem tanta pressão para conformar-se aos modelos laborais dados – em especial em relação à direção: ser ouvida por ela, poder agir em conjunto com ela –, o que faz pensar que a autonomia e o poder decisório dessa categoria é (percebido como) bastante pequeno, como explicitado nessa resposta:

Soñaba que cambiaba aspectos negativos, que llegaba a cambiar muchas cosas [P217].

Por outro lado, alguns demonstram uma percepção aguda das mudanças nos centros de saúde, vistos como espécie de fábricas que “produzem” saúde, e da precariedade de seus contratos e situação laboral, como ilustram estes desejos típicos:

[Desejaria] tener un contrato fijo y no... esta mierda de contratos [P156]. Tener una plaza fija [P176, P223]. Estamos trabajando en una empresa con modelo tayloriano [P152].

O desejo que sumariza melhor as mudanças que chamamos de capitalismo sanitário foi assim descrito:

Pensar más como centro sanitario que como empresa [P121].

No entanto, nos sonhos (Quadro 4b) são ressaltados ainda mais os riscos do KS. Todos os sonhos relatados foram de angústia; alguns profissionais disseram que seus sonhos relacionados ao trabalho eram sempre ruins:

Siempre son malos y relacionados con la falta de tiempo en el trabajo y el estrés [P130].

Cuando sueño con el trabajo siempre estoy en situaciones estresantes o desagradables [P303].

Quadro 4b: Sonhos (categoria 4)

Tema	Conteúdos	Interpretação
Pacientes	Desconexão com paciente; equivoca-se de tratamento; paciente morre; culpa, medo; violência laboral (paciente agredia)	Alienação em relação ao trabalho e aos pacientes. Tensão nas relações laborais; violência
Trabalho	Situações estressantes, desagradáveis. Atraso. Plantões intermináveis.	Trabalho invade o mundo onírico. Pressão, ansiedade, insegurança, estresse
Tempo	Ansiedade, estresse. Falta de tempo. Não chegar a tempo	Ansiedade; pressão. Sentir-se incapaz

Em outros sonhos, os trabalhadores chegam atrasados, não conseguem cumprir suas tarefas ou têm plantões intermináveis:

He tenido sobretodo pesadillas: pensando que aún trabajaba en radiología y tenía que hacer guardias interminables [P184].

Repete-se o problema do tempo, da aceleração, da pressa: o estresse e o mal-estar derivados conduzem a insatisfação com o trabalho e desconexão com o paciente e com o próprio labor. Essa alienação, análoga à dos professores e seus alunos, aparece em um sonho típico: “no conozco a mis pacientes” [P252]. Em outros sonhos, o paciente morre nos braços do trabalhador, e este sente-se impotente, culpado e com medo de ser acusado. Tal impotência e pressão emocional aparecem no seguinte sonho:

Me enviaban a una sala llena de pacientes criticos y yo no podia hacer nada por algunos de ellos ya que no daba más de mi y no había nadie más que se encargara de ellos [P164].

Apesar de “dar tudo de si”, o ambiente laboral e o problema dos pacientes parecem ser imodificáveis. Os sonhos parecem alertar para um panorama de sobrecarga emocional e de trabalho, em uma profissão que exige grande atenção e perícia o tempo todo, em que qualquer descuido pode ser fatal.

En el trabajo administramos tratamientos de quimioterapia que son diferentes según el paciente. Debido a la carga de trabajo, en más de una ocasión, he soñado que me equivocaba de paciente en la administración de dichos tratamientos [P126].

Outro problema grave é a violência laboral (isto é, pessoal médico e de enfermagem agredido por pacientes), relacionada na Espanha principalmente à insatisfação com o atendimento, muitas vezes apressado ou que tarda muito (Cantera et al., 2008):

He soñado que algún paciente me agredía por no poder atenderle el tiempo oportuno, tal y como le ha sucedido a una compañera mía [P137].

Conclusões

De acordo com o que foi discutido até o momento, e com os objetivos propostos para este trabalho, buscamos a seguir resumir e concluir quais os possíveis papéis do inconsciente no novo capitalismo, em especial no KO, a partir de suas manifestações nos sonhos e fantasias dos trabalhadores.

Como visto, as fantasias aparecem como uma mescla de aspirações e desejos subjetivos (e até certo ponto tradicionais) com imperativos e desejos do capital, e refletem as significações e objetivos com que os trabalhadores percebem seu trabalho. Porém, é significativo que *nenhum* dos sonhos estudados repetia ou refletia as fantasias; com exceção talvez dos sonhos que repetiam a lida diária, todos problematizavam de uma forma ou outra a vida laboral. Há uma distância enorme entre a consciência (individual e coletiva), manifesta nas fantasias, e o inconsciente, retratado nos sonhos; são praticamente antípodas, o que reflete uma situação de relativa *cisão* entre essas esferas psíquicas.

Porém, o que as consciências (do ego e coletiva) não desejam ver? Nos sonhos estudados, o inconsciente aponta repetida e eficazmente as mudanças características do KO: o individualismo e a atomização dos sujeitos, a mercantilização dos serviços e dos trabalhadores, a alienação em relação ao trabalho e às pessoas (alunos, colegas, pacientes), a flexibilização laboral, a aceleração do tempo, a pressão por resultados, a crescente superfluidade do trabalho e dos trabalhadores. Além desse panorama, há um *juízo* do inconsciente a seu respeito: os sonhos repetem, realçam e agudizam as situações problemáticas, os efeitos colaterais, os riscos e os problemas gerados pelo KO, especialmente no ambiente de trabalho, forçando sua conscientização pelo ego. Neste estudo, o impacto das mudanças laborais nas subjetividades apareceu nos sonhos especialmente em termos *emocionais*: as emoções e sensações mais ou menos inconscientes relacionadas à situação laboral – angústia, ansiedade, medo, mal-estar, culpa – são trazidas à tona; o componente *irracional* da subjetividade problematiza os imperativos capitalistas do hedonismo, da racionalidade e do controle, e desestabiliza e “desnaturaliza” situações vistas pela consciência como mais ou menos estáveis e “naturais”.

Tal papel do inconsciente torna-se ainda mais significativo se levamos em consideração o contexto profissional dos participantes: são todos trabalhadores que gozam de alto *status* sócio-profissional (especialmente os catedráticos e médicos), em profissões nas quais até agora há espaço para ideais humanos (tais como trabalhar por amor, vocação, altruísmo) contrários ao novo capitalismo, e em ambientes laborais ainda resistentes à mercantilização total.

Em termos junguianos, poderíamos dizer que os sonhos desvelam as *sombras* do KO nas subjetividades. De modo geral, a situação apontada nos sonhos é terrível, e pode ser resumida em duas emoções: *ansiedade* diante da necessidade de realizar tarefas intermináveis e difíceis, com pressa, por vezes sentindo-se perdido, e diante da tensionante ameaça de perder o controle de seu trabalho e de suas ações; e *impotência* quanto a situações laborais que parecem incontornáveis, imutáveis e repetitivas.

Teoricamente, o inconsciente poderia indicar saídas, soluções, atitudes para mudar essa situação; porém, significativamente, não há soluções nesses sonhos. Em nenhum sonho houve uma atitude do sonhador que modificasse a situação (a não ser em termos de resolver temporariamente um problema prático). Por outro lado, o inconsciente força o ego a *criar* uma outra atitude, pois a adaptação e a conformidade em relação a essas situações aparece como uma impossibilidade; no entanto, tal criação não apareceu nos sonhos estudados. Neles, o trabalhador parece perdido em um mundo hostil, tentando desesperadamente lidar com aspectos que lhe fogem ao controle: o tempo, a precisão e a competência, as relações humanas, e mesmo a vida e a morte – aspectos que são o fundamento do sentido de seu trabalho. A irrealidade e alienação em relação ao trabalho mencionadas por Arendt aparecem concretizadas na vida onírica desses trabalhadores.

De qualquer forma, tais produtos do inconsciente aparecem nitidamente como contraponto aos imperativos do capitalismo e mesmo à consciência individual. É nesse sentido que falamos do inconsciente como um campo de resistência à colonização de mentes e corpos pelo capital: nos sonhos estudados, há claramente a expressão de um âmbito da vida que não se submete, que mostra o sofrimento, os problemas e as emoções conectadas ao mundo laboral. De acordo com a teoria junguiana, o inconsciente, através dos sonhos, tem a capacidade (e

mesmo a *função*) de compensar essas limitações e problemas, aportando elementos (imagens, atitudes, *símbolos*) que podem ressignificar o trabalho e, idealmente, possibilitar uma transformação criativa da subjetividade. Para tanto, há que reaproximar as consciências desse mundo inconsciente, sanando a cisão. Obviamente tal tarefa somente pode ser realizada através de uma consideração crítica tanto dos fatores conscientes (coletivos e individuais) quanto dos inconscientes.

Os dados aqui expostos, e a maneira com que foram obtidos, permitem elaborar apenas uma topografia inicial e exploratória, um primeiro nível de análise. Como agenda para esta pesquisa, cremos ser conveniente aprofundar o estudo (especialmente dos sonhos dormindo) através de técnicas mais qualitativas (tais como estudos de caso e histórias de vida), tornando possível recolher séries de sonhos de um mesmo trabalhador, associações do sonhador em relação a elementos de seus sonhos, e ainda comparar a narrativa do sonho com a situação de vida do sonhador e seu ambiente de trabalho. Esperamos que tais procedimentos possibilitem ainda aprofundar e focar mais o tema da *subjetivação*, de maneira global (em lugar de um foco que se limita mais ao estudo do impacto psicossocial e dos fatores de risco, como neste trabalho).

Apesar da brevidade e das limitações de nossa análise, esperamos que este trabalho tenha explicitado a importância do mundo inconsciente para a psicologia social do trabalho e para a compreensão das subjetivações engendradas pelo novo capitalismo, e portanto a necessidade e pertinência de estudar os sonhos dos trabalhadores a partir de perspectivas críticas e interdisciplinares.

Referências

- Allott, P. (2002). *The health of nations: society and law beyond the state*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Alves, G. A. P. (2008). A subjetividade às avessas: toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 11* (2), 223-239.
- Arendt, H. (2006). *Diário filosófico (1950-1973)* (R. Gabás, Trad.). Barcelona: Herder.
- Ayestarán, I. (2007). Capitalismo cognitivo en la economía high tech y low cost: de la ética hacker a la wikinómia. *Argumentos de Razón Técnica, 10*, 89-123.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1998). *The consumer society: myths and structures*. London: Sage.
- Bibby, R. W. (1997). *Fragmented gods: the poverty and potential of religion in Canada*. Toronto: Irwin.
- Blanch, J. M. (Org.). (2003). *Teoría de las relaciones laborales: desafíos*. Barcelona: Editorial UOC.
- Blanch, J. M. (2008). *El capitalismo organizacional como factor de riesgo psicossocial: una investigación internacional*. Projeto de pesquisa, Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha.
- Blanch, J. M. & Cantera, L. (2007a). El capitalismo sanitario como factor de riesgo psicossocial. In C. Guillén & R. Guil (Orgs.), *Psicología social: un encuentro de perspectivas* (vol. 1, pp. 1075-1080). Cádiz: APPS.
- Blanch, J. M. & Cantera, L. (2007b). Efectos colaterales del capitalismo académico. En FES (Org.), *IX Congreso Español de Sociología: Poder, Cultura y Civilización*. Comunicaciones Orales sobre Sociopsicología del Trabajo y de la Organización (pp.12-29). Barcelona: FES.
- Blanch, J. M. & Cantera, L. (2009). La doble cara de la mercantilización de los servicios universitarios y hospitalarios. In J. L. Álvaro (Org.), *Psicología social del trabajo y de las organizaciones*.
- Boltanski, L. & Chiapello, È. (2002). *El nuevo espíritu del capitalismo*. Madrid: Akal.
- Bryman, A. (1999). The disneyization of society. *Sociological Review, 47*, 25-47.

- Bryman, A. (2004). Disneyization. *Encyclopedia of Social Theory*. Sage Publications. Recuperado em abril 2010, de http://www.sageereference.com/socialtheory/Article_n81.html.
- Cantera, L. M., Cervantes, G. & Blanch, J. M. (2008). Violencia ocupacional: el caso de los profesionales sanitarios. *Papeles de Psicologo*, 29 (1), 49-58.
- Castells, M. (2005). *La era de la información: la sociedad red* (3ª ed.). Madrid: Alianza.
- Dufour, D. R. (2001). Rumo ao “capitalismo total”? *Le Monde Diplomatique*. Recuperado em novembro de 2008 de <http://diplouol.com.br/2001-11,a121>.
- Dufour, D. R. (2005). O homem neoliberal: da redução das cabeças à mudança dos corpos. *Le Monde Diplomatique*. Recuperado em novembro de 2008 de <http://diplouol.com.br/2005-04,a1098>.
- Dufour, D. R. (2008). *The art of shrinking heads: the new servitude of the liberated in the era of total capitalism*. Cambridge: Polity.
- Freitas, M. G. (1991). *Taiipas e toupeiras*. Porto Alegre: Fonte Phi.
- Jung, C. G. (1959). *The archetypes and the collective unconscious*. New York: Bollingen.
- Jung, C. G. (1984). A dinâmica do inconsciente. In *Obras Completas de C. G. Jung* (vol. 10). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1947)
- Jung, C. G. (1994). Psicologia e alquimia. In *Obras Completas de C. G. Jung* (vol. 12). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1944)
- Jung, C. G. et al. (1990). *O homem e seus símbolos* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1964)
- Lyon, D. (2000). *Jesus in Disneyland: religion in postmodern times*. Cambridge: Polity and Blackwell.
- Moulier-Boutang, Y. (2007). *Le capitalisme cognitif: la nouvelle grande transformation*. Paris: Éditions Amsterdam.
- Navarro, V. (1993). *Dangerous to your health: capitalism in health care*. New York: Monthly Review.
- Nordström, J. & Riddestråle, K. (2000). *Funky business: el talento mueve al capital*. Madrid: Prentice Hall & Pearson.
- Nordström, J. & Riddestråle, K. (2005). *Karaoke capitalism: daring to be different in a copycat world*. Westport: Praeger.
- Schmidt, M. L. S. (2004). Clínica psicológica, trabalho e desemprego: considerações teóricas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 7, 1-10.
- Sennett, R. (2005). *La corrosión del carácter: las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo* (7ª ed.). Barcelona: Anagrama. (Originalmente publicado em 1998)
- Slaughter, S. & Rhoades, G. (2004). *Academic capitalism and the new economy: markets, state and higher education*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Slaughter, S. & Rhoades, G. (2005). From endless frontier to basic science for use: social contracts between science and society. *Science Technology Human Values*, 30 (4), 1-37.
- Waitzkin, H. (1983). *The second sickness: contradictions of capitalist health care*. New York: Free Press.

Endereço para correspondência

marlonx73@gmail.com

Recebido em: 26/01/2010
Revisado em: 01/08/2010
Aprovado em: 03/11/2010